

Leo Aversa
**crônicas
de pai**



Leo Aversa
**crônicas
de pai**



Copyright © 2021 by Leo Aversa

PREPARAÇÃO
Milena Vargas

REVISÃO
Mariana Bard
Thayná Pessanha

PROJETO GRÁFICO E ARTE DE CAPA
Aline Ribeiro | alineribeiro.pt

DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

ILUSTRAÇÕES
Poeticamente Flor | @poeticamenteflor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A957c

Aversa, Leo

Crônicas de pai / Leo Aversa. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
352 p. : 18 cm.

ISBN 978-65-5560-267-8

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

21-71041

CDD: 869.8

CDU: 82-94(81)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Apresentação,
por Adriana Calcanhotto

Fui conhecendo Leo Aversa aos poucos. Primeiro como o crédito em fotos incríveis no jornal, mais tarde pelas suas crônicas no mesmo *O Globo*, entremeadas por nossos encontros para sessões de fotos, no começo para matérias no Segundo Caderno. Daí comecei a ser fotografada por ele para algumas revistas e, a meu convite, para ensaios de divulgação. Assim nos tornamos amigos, embora muita gente ache, e com razão, que nunca mais falei com ele desde que afogamos um violão caríssimo no mar de São Conrado por uma bela foto. Ao contrário, naquela tarde de mar agitado quando tomei um caldo feio com o violão cheio d'água e por isso pesando tonelada e meia, nossa relação ficou mais cúmplice.

O humor do Leo fotógrafo transforma uma sessão de fotos com uma cantora tímida que não sabe pra

onde olhar numa tarde de gargalhadas de doer a barriga. Fora isso, tirou fotos antológicas dos meus ídolos, o que o coloca num lugar muito especial no meu coração. Mas ele, a respeito dessas fotos de gente grande, diz que apenas assumiu o posto de flanelinha da música popular brasileira, porque, diante de Paulinho da Viola, Marisa Monte ou Chico Buarque, o que ele tem para dizer é: “Um pouquinho mais pra direita, parou, parou, aí!! Agora pra esquerda, levanta o queixo, foi demais, desfaz, desfaz, aí, aí! Click. Lindo!”

Só que lindo mesmo é ver como ele se transforma, concentrado, o olho brilhando, acompanhando a luz com um jeito de quem a domina, mas sabe que ela não será a mesma nem por dois minutos inteiros. Algumas vezes me fotografou com buracos gigantes no peito que só eu via e sentia, inchada de chorar, com dor de cabeça, com dor de cotovelo, enlutada, perplexa com o Brasil, e o que ele captou foi sempre a face de uma pessoa olhando pra câmera e só. Nunca mostrou os buracos e as tristezas que, imagino — com nossos anos de amizade —, ele também viu na minha cara, mas, generoso e amigo, deixou de fora das imagens, pelo que sou gratíssima.

Agora leitora assídua das suas crônicas afiadas no jornal, descobri mais um talento poderoso do escritor,

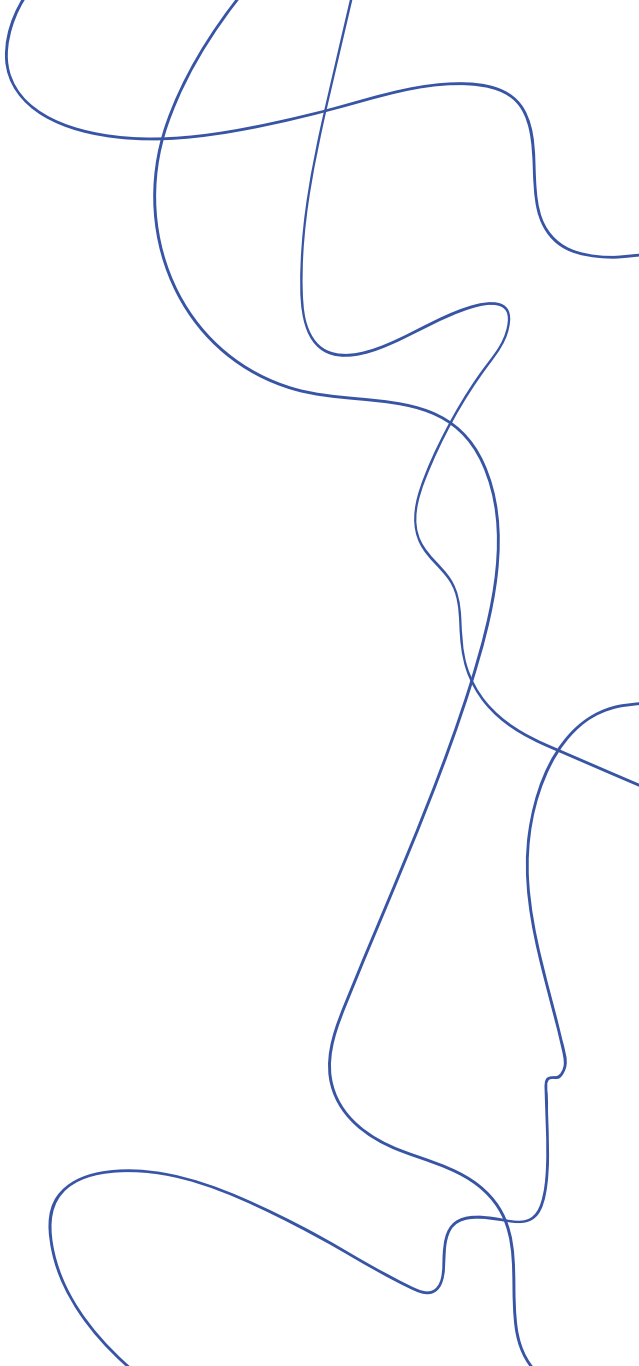
dos mais raros, que é a capacidade de emocionar. Lendo as crônicas em que ele é um ex-herói para o filho com o Mal da pré-adolescência e quase um ex-filho para o pai com Alzheimer, chorei diversas vezes. A reunião dessas crônicas torna o conjunto muito mais denso e muito mais revelador do grande cronista que ele é, porque no jornal lemos as crônicas junto a assuntos bem menos interessantes, como o fascínio do Brasil, em pleno século XXI, por combustíveis fósseis, a página que já foi de política e agora é a nova página policial, as crianças negras do Brasil sendo dizimadas por “balas perdidas” em manchetes diárias. De modo que dá um nó na garganta quando no jornal Leo se pergunta quanto tempo vai levar pra que o pai se esqueça definitivamente de quem é ou de quem foi. Aqui, nesta reunião de textos, em que ele é pai de jogador de futebol, filho, amigo, marido, cidadão observador da cidade e inimigo das convenções pequeno-burguesas, dá pra vislumbrar a estirpe de homem que ele é e isso comove.

A crônica é um gênero brasileiro cujos maiores representantes alargaram a forma, como Machado de Assis, Clarice Lispector e Rubem Braga. Pra mim, Leo está nessa lista, porque a crônica, como a crítica, é escrita para embrulhar o peixe de amanhã, precisa ser efêmera. No caso do Leo, como no de Santo Antônio,

os peixes e os textos convivem na memória. O jornal vai e a crônica fica.

Não é possível passar batido por um pai sarcástico que se assusta com o sarcasmo do filho, a gente fica querendo botar o cronista no colo e dizer “pronto, pronto, passou, passou”. Cronista que, aliás, nasceu como cronista ao ouvir na infância o pai lendo para ele o jornal da época com textos de Carlos Drummond de Andrade, João Saldanha e Carlos Eduardo Novaes. Penso então que a crônica seja pra ele um exercício de afeto.

E assim, talvez, neste momento, alguém esteja lendo este livro para um filho ou uma filha, e a crônica brasileira estará seguindo seu caminho de texto brasileiro, único, jornalístico, fotográfico. Click. Lindo!





1.

E agora?

Cinco da manhã, começam as contrações: e agora? A partir deste momento tenho que zelar para que tudo dê certo, é o papel de coadjuvante esforçado que me cabe. Dirijo com todo o cuidado, pergunto a cada cinco segundos se está tudo bem, preencho atentamente as guias na recepção da maternidade. Estou na maternidade! O obstetra fala comigo com aquela tranquilidade sob medida para acalmar pais surtados: Tudo bem? É o seu primeiro filho? Sim. Ele está relaxado. Se para mim é o dia mais importante da vida, para ele é apenas mais um. Eu pensando que o mundo devia parar para este momento fundamental da história humana, ele comentando a chuva de ontem.

Começo a roer as unhas do pé, as da mão já foram embora na entrada. O pior é que as paranoias, mi-

nhas fiéis companheiras, tomam conta da situação: o anestesista parece displicente, a enfermeira tem uma cara estranha. O que estão fazendo? Será que sabem algo que eu não sei e estão escondendo? Terá surgido algum problema sério? E se acabar a luz? E se houver uma invasão alienígena? Aquilo que passou pela janela foi um meteoro?

Nasceu.

As lágrimas correm por alguns minutos, mas logo perdem a vez para as eternas maluquices. Preciso conferir se está tudo no lugar: dois braços, duas pernas, uma cabeça. Até aí tudo bem. Cinco dedos na mão, cinco dedos na outra, nos pés também. Ufa! Peraí, aonde é que a enfermeira com cara estranha tá levando o meu filho? O anestesista não vai fazer nada?

Aparecem na cabeça todas aquelas reportagens do *Fantástico* das décadas de setenta e oitenta, em que bebês eram trocados, sequestrados e vendidos em um piscar dos olhos dos pais na maternidade. Qualquer desatenção pode ser fatal. As paranoias continuam firmes no controle.

Quando chego no berçário, alívio: o bebê parece o mesmo que estava na sala de parto. Recomeço a contagem, vai que... Dois braços, duas pernas, uma cabeça, dez dedos nas mãos...

O momento feliz do pai e da mãe com filho recém-nascido dura pouco. Agora é preciso aguentar a procissão de parentes e amigos pelo quarto. Os primeiros são os avós, irmãos, primos. Até aí tudo bem, mas logo começam a aparecer os parentes distantes, os desconhecidos, os desocupados. É uma invasão bárbara que, em vez de esquartejar membros e cortar cabeças, empurra dicas pediátricas e conselhos de vida. O quarto da maternidade se torna um happy hour. Mais uma vez viro coadjuvante, e agora nem sequer esforçado. Respondo a tudo com um sorriso amarelo e um hum-hum. Não faz diferença.

Chega a hora do protagonismo do pai, o único momento em que ele faz algo importante por conta própria: registrar o filho.

Saio atrasado da maternidade e chego ao cartório na hora em que está fechando. Sou o último da fila. A escritã parece de saco cheio. É com M no final, ela diz sem paciência. O dele é com N e acento no I, acrescento. Ela faz um muxoxo e resmunga que está errado. Respondo que é por um motivo especial: quero o nome mais bonito, explico. Tanto faz, ela diz, ainda resmungando, sem entender a citação. Se para ela tanto faz, para mim é o momento mais importante da vida.

Ele tem dois braços, duas pernas, uma cabeça.
Cinco dedos na mão direita, cinco na esquerda, cinco
em um pé, cinco no outro. Um nome também, está
registrado.

Martín.

O que se espera de um pai nos anos 20 do século XXI? Como era ser filho nas décadas de 1970 e 1980?

Em *Crônicas de pai* talvez não estejam exatamente as respostas a essas perguntas, mas os leitores vão, junto com o autor, abrir os armários e as gavetas da memória para refletir sobre elas.

Com histórias que vão do nascimento à pré-adolescência de seu filho Martín, e da relação transformadora de ser cuidado e agora cuidar e acompanhar o pai, Leo Aversa percorre um caminho de lembranças ternas da juventude, casos hilários da relação com Martín e reflexões sobre ser um pai e um filho em constante evolução. Alimentação infantil, grupos de WhatsApp da escola, lembranças de Natais de outrora, partidas de futebol e videogame, busca por aprovação, caça a baratas voadoras e lições de vida para pais e filhos — nada escapa à caneta de Leo.

Nesta coletânea de crônicas, que reúne histórias inéditas e algumas das melhores já publicadas na sua coluna n' *O Globo*, Leo Aversa prova que ser pai é um aprendizado e ser filho é um talento. Histórias comoventes, engraçadas e corriqueiras, como o dia a dia de todos nós, se intercalam nesta obra, que é o retrato de três gerações de homens unidos por laços de amor e cuidado. Em edição de luxo, com capa dura, pintura trilateral e projeto gráfico de Aline Ribeiro, o livro ainda conta com as belas e sensíveis ilustrações da artista Poeticamente Flor e apresentação de Adriana Calcanhotto.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1073/>